

OS NOMES EM FUNÇÃO ADJETIVA NÃO PREDICATIVA: CONTRASTES

Beatriz Nunes de Oliveira LONGO¹

Camila HÖFLING²

Juliana Caires SAAD

- **RESUMO:** As duas primeiras seções deste artigo tratam de nomes que ocupam a segunda posição em grupos N1 N2 do português do Brasil. Investigamos um *corpus* de 224 ocorrências extraídas de amostras de literatura romanesca, jornalística, dramática, técnica e oratória. O objetivo era uma proposta de tratamento lexicográfico para tais nomes num dicionário de usos do português. Tentamos responder a questões sobre a classificação e as funções de N2, com base nas seguintes características: função qualificadora; possibilidade de gradação; coordenação com adjetivos; ausência de função temática; concordância. Utilizando essas propriedades, estabelecemos uma hierarquia para a classificação de N2: os que exibem a maior parte das propriedades acima seriam classificados como adjetivos; os demais mantêm o estatuto de substantivo. Na terceira seção discutimos a análise de 372 nomes do inglês (extraídos de jornais e revistas), de acordo com os mesmos critérios, e concluímos que, embora a maioria dos substantivos adnominais do inglês não possa ser classificada como adjetivo, alguns substantivos qualificadores sofrem a conversão. Os adjetivos não predicativos, porém, nunca mudam de categoria. A comparação entre o inglês e o português, na seção 4, mostra que o comportamento dos nomes não predicativos difere quantitativamente, mas não qualitativamente, nas duas línguas.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Sintaxe; semântica; substantivo; adjetivo; conversão categorial.

1 Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-420 – Araraquara – SP.

2 Bolsistas de Iniciação Científica.

Introdução

Relatamos aqui resultados de pesquisa que se desenvolve junto ao Departamento de Lingüística, da Faculdade de Ciências em Letras de Araraquara – UNESP, sobre itens lexicais que ocupam a segunda posição em grupos N1 N2, apondo-se diretamente a N1, sem pausa nem preposição. A motivação inicial para o trabalho surgiu a partir do Projeto DUP (*Dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil*), coordenado por Francisco da Silva Borba. Um dos primeiros problemas enfrentados foi o do tratamento a ser dado a palavras como *relâmpago*, em “gol **relâmpago**”. Como se percebe facilmente, trata-se de itens tradicionalmente considerados como substantivos. Entretanto, não apresentam incidência interna, e sim, externa, sendo também chamados de substantivos epítetos (Noailly, 1990). Que classificação deveriam receber em um dicionário de usos: substantivos, adjetivos, ou partes de compostos? Para decidir sobre o tratamento lexicográfico que lhes deveria ser dado, propusemos uma investigação de suas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas, centralizada nos seguintes tópicos: a classificação; o comportamento e a função sintática e semântica; os substantivos epítetos típicos; as condições de produção; os campos semânticos privilegiados e a origem do fenômeno. Neste artigo, discutiremos os dois primeiros tópicos abordados.

De início realizamos um estudo sobre substantivos e adjetivos, para poder distinguir as duas categorias que interessavam ao tema da pesquisa. A revisão bibliográfica realizada mostrou a possibilidade de transição entre as classes, ou de “flutuação categorial” (Lemle, 1984; Basílio, 1992). Isso demonstra que talvez a melhor solução seja admitir que existe uma “supercategoria”, com itens que se distribuem ao longo de um eixo contínuo, ocupando os substantivos típicos um dos extremos e os adjetivos típicos, outro. No centro do eixo, estão os membros que compartilham propriedades das duas subclasses. Entretanto, o problema da inserção no dicionário permanece, uma vez que se deve justamente estabelecer em que subclasse deve ser enquadrado cada item.

Ilari et al. (1993) afirmam que o fato de os substantivos e adjetivos pertencerem a uma mesma superclasse, a dos nomes, não soluciona a problemática que há em torno dos critérios a serem adotados para a subdivisão. Os autores analisam critérios habitualmente usados para a distinção, como os da comparação, da vagueza e da intensificação.

Mostram que há muitos adjetivos que não aceitam a comparação, ou só a aceitam em sentido figurado, como acontece, por exemplo, com *francês*, *regional*, *quadrado*. Além disso, é possível também aplicar a comparação a substantivos em sentido figurado, como, por exemplo, em "Hoje ele é muito família, mas aos vinte anos era da pá virada". De qualquer modo, de uma maneira geral, pode-se afirmar que os adjetivos que aceitam a comparação aceitam também a intensificação e sua característica é de serem vagos. O uso sincategoremático com um substantivo e o contexto de enunciação funcionam como redutores da vagueza.

Dessa maneira, pode-se concluir que a interpretação do adjetivo é mais dependente de fatores circunstanciais e contextuais. Assim, o reconhecimento e distinção das duas classes vai depender, muitas vezes, da vagueza, estabilidade, distribuição, intensificação e, principalmente, do contexto em que as classes estão inseridas. Os critérios como o sintático, o morfológico e o semântico, tradicionalmente adotados pelos linguistas, não esgotam as possibilidades de outras abordagens e não esclarecem a questão completamente.

O texto de Ilari et al. deixa clara a necessidade de estudos que incluam um *corpus* amplo, com maior número de ambientes sintáticos e diversificação dos usos.

A revisão bibliográfica mostrou também que, embora a incidência de substantivos sobre outros substantivos seja mencionada na maioria das obras consultadas, muito poucas tratam o tema de maneira mais aprofundada. Alguns autores contemplam o fenômeno dentro do tópico dos nomes compostos, como Lieber (1983) e Sandmann (1988), hipótese que não nos pareceu interessante, pois nem sempre o grupo nominal em questão é fixo (Borba, 1994). As únicas obras consultadas que tratam diretamente do tema são as de Levi (1978) e Noailly (1990), mas apresentam soluções bem diferentes. Para Levi, os substantivos não se convertem em adjetivos. A autora também considera que os adjetivos não predicativos do inglês são nomes (= substantivos) subjacentes. Noailly, ao contrário, afirma que há adjetivação de todos os substantivos qualificativos.

Em vista disso, decidimos testar as hipóteses conflitantes, a fim de verificar qual das duas se confirmaria. Ao iniciar o estudo, trabalhamos somente com dados do português. Muitas pesquisas recentes costumam apoiar-se apenas na intuição do analista para a obtenção de dados. Entretanto, decidimos trabalhar com um *corpus*, tendo em vista

algumas vantagens: pode-se atestar criações inesperadas, pode-se estudar melhor as condições de produção e, sobretudo, não se baseia toda a análise na competência de um único falante. Como estávamos vinculadas a um projeto maior, o da elaboração do dicionário de usos, nada seria mais natural do que utilizar o material do DUP, que contém amostras do português escrito no Brasil a partir da década de 1950, abrangendo as seguintes modalidades: literatura romanesca, técnica, oratória, jornalística e dramática. Inicialmente, selecionamos apenas textos de literatura jornalística, mais representativa em termos de variedades de registros e estilos. Pesquisamos arquivos correspondentes a 238 k-bytes de memória. Entretanto, como os exemplos encontrados foram poucos, complementamos o *corpus* com uma pesquisa aleatória nos verbetes já redigidos do DUP. Foram incluídos exemplos de todas as literaturas. Encerrado o levantamento, contávamos com 224 ocorrências de construções substantivo + substantivo (N1 N2). Foram excluídos os grupos registrados nos dicionários como compostos e os que identificamos como sintagmas fixos (Borba, 1994). Desconsideramos também as construções com nomes próprios de identificação, como *Rio Amazonas*, *Presidente Fernando Henrique*, pois consideramos que nesses casos a identificação é produto da associação entre os dois substantivos, diferindo da mera caracterização por um substantivo comum.

As propriedades de N2

Basilio, em vários trabalhos sobre morfologia derivacional, tem dedicado atenção ao problema da flutuação categorial. Salientamos aqui algumas considerações da autora sobre esta questão em dois estudos (1992, 1995). Para ela, nem sempre a possibilidade de flutuação implica a mudança de classe. Somente quando um item lexical passa a ter todas as características de uma classe diferente da sua configura-se a conversão categorial. Os itens que apresentam algumas, mas não todas as características de outra classe seriam enquadrados nos casos de extensão de propriedades. Como exemplo de conversão, temos *fritas* (= batatas), que tem função semântica designadora, admite qualificação e aceita a anteposição de determinante, podendo ser classificado como substantivo. Num sintagma como *sapato areia*, o substantivo *areia* apenas amplia as suas propriedades, passando a qualificar, mas não se converte em adjetivo, pois não está sujeito às regras de concordância.

Levi (1978) também se baseia na análise de um conjunto de propriedades, para postular que os adjetivos não predicativos do inglês devem ser classificados como substantivos subjacentes

- não aceitam intensificação (*a very **electric** clock),
- podem apresentar papel temático (the **presidential** refusal),
- coordenam-se com substantivos (**solar** and gas heating),
- aceitam a quantificação (**triangular**, **monochromatic**),
- não aceitam sufixos nominais (***cardiacity**),
- apresentam traços semânticos nominais (concreto **aquatic**, abstrato **dramatic**)

A autora conclui que, sendo essas características típicas dos nomes (= substantivos), os não predicativos são gerados como uma categoria nominal, só se manifestando superficialmente como adjetivos após sofrerem uma série de transformações.

Excetuada a proposta de derivação transformacionalista do adjetivo, incompatível com os desenvolvimentos recentes da teoria gerativa, poderíamos estabelecer uma correlação entre os argumentos de Levi e de Basílio (1995), que postula “regras de extensão de sentido e das propriedades gramaticais, pelas quais nomes de agente podem ocorrer em posição/função adjetiva restrita”, para as palavras em -dor (p 190) De acordo com esta autora, um nome só pode ser considerado como adjetivo se apresentar todas as características da classe adjetiva. Isso nos trará um problema para a explicação dos adjetivos primitivos que não apresentam todas as propriedades típicas de sua classe, como os classificadores,³ que não aceitam a intensificação e podem apresentar papel temático, mas apresentam as características da concordância e da disponibilidade de bases para novas formações. Adotamos então uma versão mais fraca da hipótese de Basílio, e consideramos que a conversão se dá quando o item adquire a maior parte das propriedades características de outra classe, mas não necessariamente **todas**. Estabelecemos uma escala de classificação para N2, com base nos seguintes parâmetros.

1 Função semântica (Qualificador/Classificador)

2 Ocorrência de gradação ou comparação/ ocorrência de modificação

3 Coordenação com adjetivos/substantivos

3 Seguimos aqui a proposta de subdivisão dos adjetivos em dois grupos – qualificadores e classificadores – de Borba (1996).

- 4 Impossibilidade/possibilidade de atribuição de papel temático
- 5 Função Sintática (Adjunto/Coordenado/⁴Complemento)
- 6 Presença/Ausência de concordância

Como se percebe facilmente, as características enumeradas à esquerda das barras são típicas dos adjetivos, e as que vêm à direita, dos substantivos.

Foram os seguintes os resultados a que chegamos:

1 Quanto à função semântica:

- 179 são classificadores (*documentos livros*)
- 45 são qualificadores (*pai carranca*)

2 Quanto à ocorrência de gradação ou modificação:

- 207 não são graduados nem modificados (*presidente teflon*)
- 13 são modificados por adjetivos (*Brasil pigmeu social*)
- 4 são graduados ou intensificados (*região tão Brasil*)

3 Quanto à coordenação:

- 203 ocorrem isoladamente (*facão jacaré*)
- 14 coordenam-se com adjetivos (*carro esporte conversível*)
- 7 coordenam-se com substantivos (*presentes perus e galinhas gordas*)

4 Quanto ao papel temático:

- 204 não têm (*rolo faca*)
- 20 têm (*confronto Leste-Oeste*)

5 Quanto à função sintática:

- 98 são adjuntos (*árvore símbolo*)
- 71 são complementos (*fusão Guanabara-Estado do Rio*)
- 55 são coordenados (*artesão artífice*)

6 Quanto à concordância:

- 117 concordam
- 62 não concordam
- 45 não possibilitaram a verificação (nomes próprios, nomes de tema em -e ou -a, empréstimos).⁵

4 A respeito da inclusão da função sintática de coordenado, consulte-se Noailly (1990).

5 Inicialmente, tencionávamos incluir nesse último grupo (dos invariáveis) todos os N2 de gênero único, como *areia* ou *modelo*, mas a ocorrência de construções como *bai laranja*, *enchentes monstros*, nos textos do DUP, levou-nos a rever esse critério.

A análise dos resultados obtidos mostrou que, nos dois primeiros parâmetros testados, se verifica tendência para a manutenção do estatuto de substantivo: temos uma porcentagem muito maior de classificadores (79,91%), do que de qualificadores (20,09%) e de N2 modificados (5,8%) do que de graduados (1,79%). Veja-se que, no segundo parâmetro, a frequência é baixa demais para que possamos fazer afirmações categóricas.

Quanto à coordenação, papel temático, função sintática e concordância, os dados evidenciaram uma tendência para a adjetivação, ainda que no primeiro caso a frequência também seja baixa: 6,25% de coordenação com adjetivos para 3,12% de coordenação com substantivos.

91,07% dos N2 não possuem função temática. Somente nos que funcionam como argumento de N1 foi possível identificar papel temático, o que viria ao encontro da hipótese de Noailly, segundo a qual os N2 complementos não se convertem em adjetivo. Em ocorrências como *candidatura Kubitscheck*, N2 tem papel temático de Agente e a construção traz implícita a preposição *de*. Postulamos para tais casos um apagamento discursivo.

Quanto à função sintática, as porcentagens foram de 43,75% de adjuntos, 31,70% de complementos e 24,55% de coordenados.

Apenas 27,67% dos N2 evidenciaram explicitamente ausência de concordância. Houve 54,24% de concordância e em 20,09% dos casos não foi possível a verificação. Como a flexão de concordância é um traço que evidencia concretamente a conversão, a ocorrência de marcas explícitas que indicassem a presença ou ausência de concordância foi considerada suficiente para a classificação de N2 em adjetivo (presença) ou substantivo (ausência).

O resultado da análise revelou que a hipótese de Levi não pode ser aplicada ao português, mas também não confirmou plenamente a hipótese de Noailly, pois um substantivo pode ser utilizado para qualificar sem apresentar necessariamente as outras características dos adjetivos. Como exemplo, tem-se “escola **modelo**”, em *Transportes e comunicações: uma escola modelo*, em que o substantivo **modelo** é qualificador, mas não graduado, não se coordena com adjetivo e não concorda com o substantivo sobre o qual incide. Desse modo, a conclusão a que chegamos, para o português, foi que seria necessário um estudo caso a caso, testando-se todos os parâmetros para se verificar a ocorrência de conversão categorial. Estabelecemos uma escala de gradação para N2, na qual partimos de nomes com propriedades típicas

dos adjetivos para chegar aos de grau zero, que mantêm o estatuto de substantivos. De acordo com tal escala, um N2 como *ametista*, em *quartzo ametista queimado* teria um baixo grau de adjetivação: não concorda com N1, não é graduável, é modificado por adjetivo, é adjunto, não se coordena com adjetivo e não apresenta papel temático; *borboleta*, em *aspecto doirado e borboleta*, tem grau médio: não concorda, não é graduado nem modificado, é adjunto, coordena-se com adjetivo e não possui papel temático. *Navalha*, em *faca mais navalha*, tem grau alto, podendo ser considerada um caso de adjetivação: concorda, é graduado, não é modificado, é adjunto e não apresenta papel temático. Desse modo, a análise dos dados do português evidenciou que um dicionário deve registrar três possibilidades de classificação para N2: substantivo, quando há apagamento discursivo; substantivo em função adjetiva, nos casos de extensão de algumas propriedades, e adjetivo, nos casos de conversão.

Quanto à estrutura sintática na qual se inserem esses itens, parece haver consenso entre diversos autores pesquisados. Lieber (1983), Levi (1978) e Lobato (1992, 1994) – esta última nos seus estudos sobre adjetivos do português e do inglês – consideram o substantivo adnominal, e o adjetivo não predicativo, como parte integral e inseparável do núcleo sintagmático. Configura-se, portanto, o que na atual versão de princípios e parâmetros constituiria um caso de adjunção a núcleo.

Os nomes em função adjetiva não predicativa no inglês

À medida que a pesquisa se desenvolvia, fomos encontrando, no português, contra-exemplos para todas as características que Levi apresenta como típicas dos substantivos adnominais. Como as suas hipóteses e as de outros autores (Lobato, 1993, 1994) se baseiam na distinção predicativo/ não predicativo, decidimos testar a proposta de Levi com dados do inglês, a fim de verificar se ela é válida para essa língua, tanto em relação a N2 como aos adjetivos não predicativos.

Nessa segunda etapa da pesquisa, montamos um *corpus* com adjetivos não predicativos e substantivos adnominais do inglês, com o intuito de estudar as suas características, para responder questões sobre a classificação, as funções sintática e semântica, e o comportamento em relação a propriedades como a recursividade, a modificação

e a intensificação, como já havíamos feito com os dados do português. Em seguida comparamos os resultados das análises, para verificar as semelhanças e diferenças entre os dois sistemas linguísticos.

Foram utilizadas as mesmas hipóteses iniciais de trabalho: (a) as propriedades dos adjetivos e substantivos muitas vezes podem aplicar-se indiferentemente a membros das duas, o que leva a uma “supercategoria” (nomes) com duas subclasses, (b) os membros das duas subclasses se distribuem ao longo de um eixo contínuo. Numa das extremidades, membros com as características típicas dos adjetivos. Na outra, membros com características típicas dos substantivos, (c) a classificação dos substantivos em posição adnominal deve ser feita com base numa série de parâmetros arrolados a partir das propriedades típicas de cada subclasse. Não foram levados em conta os traços morfológicos de concordância, que não se manifestam em inglês. Além disso, foram acrescentados dois parâmetros propostos por Levi, que dizem respeito exclusivamente aos adjetivos não predicativos: a possibilidade de quantificação (*triangular* vs. **tired*) e a de acréscimo de sufixos nominais (*nervousness* vs. **ruralness*)⁶.

Assim, os parâmetros utilizados foram

- 1 Função semântica: Qualificador/ Classificador
- 2 Gradação ou intensificação/ Modificação por adjetivos
- 3 Coordenação com adjetivos/ com substantivos
- 4 Papel temático
- 5 Função sintática de Adjunção/Coordenação/Complementação
- 6 Impossibilidade/Possibilidade de nominalização
- 7 Presença/Ausência de quantificação

O *corpus* foi montado a partir da leitura de textos extraídos de exemplares do jornal *The New York Times* e da revista *Time*. Foram utilizados textos das décadas de 1950 a 1990.

A escolha das ocorrências de adjetivos não predicativos (ANPs) foi feita levando-se em conta a classificação registrada no dicionário Longman (1987). Foram considerados ANPs classificados como atributivos e os que não receberam especificação, ou seja, os que podem exercer as funções predicativa e atributiva. Nesse caso, analisávamos o contexto frasal a fim de chegar a uma classificação.

6 Em português, encontramos *ruralismo*, *urbanidade*.

Quanto aos substantivos, utilizamos os mesmos critérios de análise do português, isto é, foram excluídos os nomes compostos já dicionarizados e as construções com nomes próprios de identificação. Inicialmente, era nosso propósito utilizar o mesmo número de substantivos e adjetivos, e manter um número de ocorrências equivalente ao do *corpus* do português. Entretanto, como ocorreram muito mais substantivos do que adjetivos, teríamos de eliminar aleatoriamente muitos dos substantivos encontrados. Decidimos então utilizar todos os exemplos efetivamente encontrados nos textos. Assim ampliado, o *corpus* passou a ter 79 adjetivos e 293 substantivos, num total de 372 ocorrências.

Obtivemos os seguintes resultados em relação aos ANPs:

1 Quanto à função semântica:

- 60 classificadores (*national board*)
- 19 qualificadores (*ancient times*)

2 Quanto à ocorrência de comparação/modificação:

- 1 modificado (*pre-Columbian Indians*)
- 78 não graduados/modificados (*diplomatic mission*)

3 Quanto à coordenação com outros itens:

- nenhum coordenado com substantivo
- nenhum coordenado com adjetivo
- 79 isolados (*chemical process*)

4 Quanto ao papel temático:

- 17 têm papel temático (*communist publication*)
- 62 não têm (*tacit admission*)

5 Quanto à função sintática:

- nenhum coordenado
- 25 complementos (*national salvation*)
- 54 adjuntos (*individual members*)

6 Quanto à possibilidade de nominalização:

- 29 têm possibilidade de ser nominalizados⁷
- 59 não têm possibilidade de nominalização.

⁷ De acordo com as informações obtidas no dicionário Longman (1987).

7 Quanto à quantificação:

- nenhum ANP quantificado

Em relação aos substantivos, foram os seguintes os resultados:

1 Quanto à função semântica:

- 9 são qualificadores (*full-color magazine*)
- 284 são classificadores (*world leaders*)

2 Quanto à gradação:

- 30 são modificados (*big city governments*)
- 263 não são modificados nem graduados

3 Quanto à coordenação:

- 4 são coordenados com substantivos (*passenger-cargo lines*)
- 11 são coordenados com adjetivos (*old-fashioned hardball politics*)
- 278 estão isolados

4 Quanto ao papel temático:

- 69 têm papel temático (*picture researcher*)
- 224 não têm (*guerrilla offices*)

5 Quanto à função sintática:

- 2 são coordenados (*rocket vehicle*)
- 179 são complementos (*space administration*)
- 85 são adjuntos (*world companies*)

6 Quanto à quantificação:

- 14 quantificados (*20-minute drive*)
- 279 não quantificados (*desert air*)

A primeira característica que chama a atenção nos dados do inglês é a alta frequência de substantivos em relação a adjetivos não predicativos. Na posição adnominal, registrou-se um total de 293 substantivos para 79 ANPs. Levi (1978) e Lieber (1983) mencionam esta característica, relacionando-a à não aceitação, por grande parte dos substantivos de origem germânica, de sufixos adjetivos.

Os adjetivos não predicativos

Quanto à função semântica, percebe-se que a frequência de qualificadores (24%) não é alta, mas não pode ser desprezada. Por outro lado, uma análise dos qualificadores mostra que, das 19 ocorrências, nove constituem exemplos de adjetivos relacionados a advérbios, especialmente de valor temporal ou espacial, como *inner*, *upper*, *past*, *everyday*. Sete são adjetivos primitivos, como *fellow*, *main*, *major*. Dois (*leading* e *burning*) relacionam-se a verbos. Desse modo, pode-se concluir que a hipótese de Levi, embora não seja válida para qualquer ANP, confirma-se para os adjetivos relacionados morfossemanticamente a substantivos. Observe-se que quase todos os qualificadores apresentam (*inner*), ou aceitam (*maternal*) sufixos derivacionais.

Os testes das possibilidades de gradação, comparação ou intensificação (para adjetivos) e da modificação (para substantivos) nada evidenciaram, uma vez que não foram encontradas ocorrências. O único caso de modificação foi com um prefixo, em *pre-Columbian*, normalmente aplicável a adjetivos. Desse modo, não pudemos confirmar nem refutar a hipótese de Levi.

Da mesma maneira, o teste da coordenação com adjetivos ou com substantivos foi inconclusivo.

Verificamos que a grande maioria dos ANPs não recebe papel temático, o que contraria a hipótese de Levi. O papel temático parece ser atribuível somente aos ANPs argumentos de substantivos abstratos e aos ANPs correlatos de advérbios, assim como no português.

Quanto à função sintática, não foi registrada a coordenação. A porcentagem de complementos é significativa, mas a maioria é de adjuntos, o que reforça a hipótese de adjunção a núcleo de Lobato (1992, 1994). A análise da função sintática não visava à distinção adjetivo/substantivo, e sim ao estudo do comportamento sintático-semântico dos adnominais. Concluímos que a função coordenativa não é típica dos ANPs em inglês. É esta também a conclusão de Noailly (1990), sobre o francês.

A possibilidade de nominalização com sufixos foi registrada em 25,30% dos ANPs, contrariando a hipótese de Levi de que tais adjetivos não admitem a nominalização porque são substantivos subjacentes. Como exemplos, temos *federalism*, *fellowship*, *nationality*, *militarism*.

Não ocorreram casos de adjetivos quantificados (com *mono, bi, tri...*), portanto a análise desse parâmetro não confirmou a hipótese de Levi.

Após a análise dos resultados, concluímos que a aplicação dos parâmetros aos ANPs do inglês não confirmou a hipótese de Levi de que tais adjetivos são nomes subjacentes.

Os substantivos em função adjetiva

A análise dos substantivos em função adjetiva parece confirmar as hipóteses de Levi, levando a resultados bastante diferentes da análise dos dados do português (e do francês, por Noailly).

A ocorrência de substantivos qualificadores (9/293) não é significativa. Não registramos nomes graduados, intensificados nem comparados, mas houve uma porcentagem de 10,24% de nomes modificados por adjetivos. A coordenação com substantivos ou adjetivos foi numericamente irrelevante (menos de 5%), ainda que ocorressem mais adjetivos.

A maioria dos substantivos (76,45%) não tem papel temático. Assim como no caso dos ANPs, somente os argumentos de nomes abstratos parecem ser passíveis de receber papel-0.

Também com os substantivos a porcentagem de coordenação foi insignificante (menos de 1%). A porcentagem de complementos é bem alta (61,10%), mas a de adjuntos também é expressiva (29,02%).

Não foi testada a possibilidade de nominalização por sufixos, uma vez que se analisavam substantivos.

Uma última característica distintiva do substantivo em inglês, em relação ao N2 do português, é a quantificação, ainda que em baixa frequência (4,7%). Observe-se porém que, mesmo nesses casos, o substantivo não apresenta a flexão de número: "a *three-man* military tribunal", "a *twenty-minute* drive". Tradicionalmente, essa característica vem sendo analisada como índice de adjetivação, o que viria contra a hipótese de Levi. No momento, não dispomos de uma explicação plausível para este fato, que a nosso ver merece uma investigação mais aprofundada.

A conclusão a que se chega da análise dos dados é que a proposta de Levi para o inglês pode ser mantida quanto aos substantivos.

Análise contrastiva

Quantitativamente, o resultado da análise dos dados referentes a substantivos em posição adnominal do português difere bastante do encontrado no inglês, de modo que aparentemente estamos diante de fenômenos bem diversos. No português, a tendência geral que evidenciamos foi de adjetivação, enquanto no inglês, os dados apontam para a manutenção do estatuto categorial. Portanto, no português teríamos a conversão, e no inglês a extensão de propriedades.

Se baseássemos a análise estritamente nos dados quantitativos, deveríamos dizer que os substantivos em função adjetiva têm comportamento oposto no inglês e no português.

Entretanto, uma análise mais cuidadosa dos dados, que leva em conta a distinção de Basílio entre conversão categorial e extensão de propriedades, pode conduzir a uma conclusão diferente. Como mostram os dados, o inglês apresenta maior quantidade de substantivos complementos (61,10%), e o português, de adjuntos (43,75%). Por outro lado, o português apresenta expressiva frequência de substantivos qualificadores (20,09%), quase inexistentes em inglês (3,07%). A que se pode atribuir essa diferença? O sufixo *-al*, formador de adjetivos classificadores (e complementos), é bastante produtivo em português, mas no inglês, como atestam Levi (1978) e Lieber (1983), restringe-se aos radicais de origem latina. Por isso, nos casos de radicais germânicos, o nome substantivo preenche as lacunas morfológicas. Já os adjetivos qualificadores são primitivos ou não estão sujeitos a tantas restrições de sufixação (os sufixos *-ful*, *-less*, *-y* são bastante produtivos), portanto não há necessidade de substantivos para substituí-los.

Mas também em inglês os substantivos qualificadores, numa escala de gradação, estariam mais próximos da categoria adjetivo do que da de substantivo. Se desconsiderarmos o parâmetro referente à possibilidade de nominalização, teremos seis fatores de classificação. Todos os qualificadores encontrados no *corpus* apresentaram no mínimo três propriedades típicas dos adjetivos.⁸ Como exemplo, temos os nomes *star* e *enemy*, em *the great European star cantors* e *enemy soldiers*: são qualificadores, não apresentam papel temático, são adjuntos e não estão quantificados, o que indica tendência para a adjetivação.

⁸ Além dos citados no texto, foram os seguintes os qualificadores encontrados: **full-color** magazine; **hardball** politics; **drum** roll; **Soviet-line** marxists; **enemy** troops.

A esse respeito, é curioso observar que uma pesquisa no dicionário de referência evidenciou tratamento diferente para dois nomes bastante semelhantes quanto ao comportamento sintático-semântico: *enemy* é registrado somente como substantivo, mas *fellow* recebe duas entradas, uma como substantivo e outra como adjetivo atributo. No entanto, o sintagma *enemy soldiers* é tão natural quanto *fellow soldiers*; registramos nove ocorrências de *enemy* em posição atributiva, sendo cinco casos de extensão de propriedades e quatro, de adjetivação. *Fellow* ocorreu apenas uma vez como adjetivo. Assim, concluímos que, embora a conversão seja muito rara no inglês, não é impossível, e pode ser verificada de acordo com o conjunto de parâmetros por nós proposto.

Observações finais

O estudo de substantivos em posição adnominal, iniciado com o objetivo de levar a uma proposta de tratamento lexicográfico para tais nomes num dicionário de usos do português, evidenciou que não é possível adotar uma solução geral; deve-se analisar cada N2 por meio de um conjunto de parâmetros, antes de se chegar à sua classificação. A análise de um *corpus* de 224 ocorrências de N1 N2 levou a uma proposta tripla de classificação: substantivo (*confronto* **Leste-Oeste**; *linha* **casa**); substantivo em função adjetiva (*pai* **carranca**; *árvore* **sím-bolo**); e adjetivo (*tons* **pastéis**; *pergunta* **chave**). Como se vê, é possível postular a conversão categorial para determinados N2 do português. A adjetivação se dá quando N2 adquire a maior parte das propriedades características dos adjetivos, não estando condicionada à função semântica de qualificador.

Numa segunda etapa da análise, trabalhamos com um *corpus* de 372 ocorrências de adjetivos e substantivos em posição adnominal no inglês, e verificamos que, embora a grande maioria dos substantivos em posição adnominal não se adjetive, a conversão é possível. A diferença constatada entre as duas línguas é de natureza quantitativa, e não qualitativa, e deriva basicamente de propriedades morfológicas: o principal sufixo formador de adjetivos classificadores não é produtivo no inglês, o que obriga os substantivos a assumir tal papel. Na língua inglesa, os sufixos indicadores de qualidade são bastante produtivos e, no português, as formações sufixais também o são. Por isso, a frequência de N2 qualificadores – no inglês – e em função adjetiva de maneira geral – no português – é bem mais baixa.

LONGO, B. N. de O., HÖFLING, C., SAAD, J. C. Attributive nouns and adjectives: a contrastive analysis. *Alfa (São Paulo)*, v.41, p.91-107, 1997.

- **ABSTRACT:** *The first two sections of this paper deal with nouns occurring in second position in N1 N2 expressions of Brazilian Portuguese. A corpus with 224 such nouns, extracted from newspapers, novels, essays, plays, and speeches, was investigated. The purpose of the research was the lexicographical treatment of N2 in a Portuguese usage dictionary. Problems concerning the classification and functions of N2 were examined, as related to the following adjective features: qualifying function; adjunctive function; liability to intensification; coordination with adjectives; absence of thematic function; number and gender agreement. Using these properties, a hierarchy for the classification of N2 was established: those that exhibit most of the features mentioned above should be classified as adjectives; the others keep their nominal status. In the third section, a sample of 372 attributive nouns and adjectives in English, extracted from newspapers and magazines is discussed, and analysed according to the same criteria. The analysis showed that, even though most of English attributive nouns cannot be classified as adjectives, some qualifying nouns suffer conversion. Adjectives, however, never change their category. The comparison between English and Portuguese (section 4) shows that the behaviour of attributive nouns differs quantitatively, but not qualitatively, in both languages.*
- **KEYWORDS:** *Syntax; semantics, noun; adjective; conversion.*

Referências bibliográficas

- BASÍLIO, M. Flutuação de base categorial adjetiva no português falado. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1992. v.2, p.81-98.
- _____. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, J. (Org.) *Flores verbais*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p.177-92.
- BORBA, F. S. *Lexias complexas*. ms. 1994
- _____. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- ILARI, R. et al. *Adjetivos e substantivos: uma ou duas classes?* ms. 1993.
- LEMLE, M. *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática, 1984.
- LEVI, J. N. *The Syntax and Semantics of Complex Nominals*. New York: Academic Press, 1978.
- LIEBER, R. Argument linking and compounds in English. *Linguistic Inquiry*, v.14, n.2, p.251-85, 1983.

- LOBATO, L. M. P. *Adjetivos* tipologia e interpretação semântica ms 1992
- _____ *A relação caso-concordância* evidências extraídas da análise dos adjetivos em inglês e português ms 1993
- _____ *A concordância nominal no português do Brasil à luz da teoria de princípios e parâmetros e da sociolinguística varacionista* *Delta*, v 10, n esp, p 173-212, 1994
- LONGMAN *Dictionary of Contemporary English* London Longman, 1987
- NOAILLY, M. *Le substantif épithète* Paris PUF, 1990
- SANDMANN, A. J. *Competência lexical* produtividade, restrições e bloqueio Curitiba, 1988 Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Paraná